

VANDALISMO. Marcha por reforma agrária é marcada por destruição de área de pesquisa científica

Sem-terra ocupam a Eletrobras

Hoje, eles devem seguir direto da companhia energética para o Palácio República dos Palmares, onde esperam ser recebidos pelo governador

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

Um exército entrou ontem em Maceió, em marcha acelerada pela rodovia BR-104 e pela avenida Durval de Góes Monteiro. Os soldados desta tropa não usam coturnos ou fardas, mas estão organizados em pelotões, seguem uma hierarquia de comando e dividem-se em missões específicas. Para uns, é um grupo revolucionário. Para outros, subversivos, ou mesmo "um comboio de maloqueiros". Mas

Sem Terra (MST), Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) e Movimento Terra e Liberdade (MTL). Com cerca de 2 mil trabalhadores rurais, a mobilização já percorreu mais de 50 quilômetros.

Após a ocupação do Centro de Estudos Agrários (Ceca) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), os sem-terra marcharam até a sede da Eletrobras, no Farol, onde montaram novo acampamento. A destruição de plântulas (mudas de cana) e material de pesquisa do



Famílias montaram acampamento na sede da companhia energética, onde passaram o restante do dia e da noite descansando

basta olhar de perto os "soldados" e acompanhar um pouco a história de vida deles para concluir que estes agricultores não saíram do campo para invadir a cidade à toa. Eles lutam pela reforma agrária.

A marcha que tomou duas das três faixas da principal via de acesso a Maceió tinha duas colunas fixas nos flancos, com seguranças, patrulheiros, motociclistas, assessores de imprensa e equipes de apoio para distribuição de água. Na vanguarda, quatro porta-bandeiras com os símbolos das organizações mobilizadas: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos

Ceca, na terça-feira, gerou críticas, mas os líderes da marcha mantêm firme a posição de defender o "ato revolucionário".

"Nós entendemos que a universidade pública deve investir em pesquisa para o conhecimento beneficiar o trabalhador rural, mas a vida inteira o Ceca só investiu nessa commodity, na monocultura da cana, beneficiando os usineiros", diz o coordenador da CPT, Carlos Lima. Segundo Lima, os pesquisadores do Ceca agora estão desenvolvendo um novo tipo de cana para produzir na caatinga, aproveitando-se da água fornecida pelo Canal do Sertão.

De modo geral, os sem-terra reivindicam a reforma agrária, melhorias na infraestrutura dos assentamentos e acampamentos, mapeamento fundiário e, principalmente, a desapropriação de quatro áreas com grave situação de conflito no Estado.

Pauta

Sem-terra reivindicam melhorias estruturais nos assentamentos e acampamentos, além da desapropriação de quatro áreas com grave situação de conflito no Estado

flito no Estado. São terras ocupadas por cada um dos movimentos, a Fazenda São Sebastião, em Atalaia (MST), e três áreas em Murici: Botã Velha (CPT), Cavallero (MTL) e Sede (MLST).

O coordenador do MLST, Josival Oliveira, frisa que a batalha pela posse da Fazenda Sede já dura mais de uma década. "As 120 famílias acampadas já estão enraizadas naquela terra da falida usina São Simeão, que foi tomada pelo INSS por dívidas trabalhistas e, mesmo assim, foram arrendadas pela usina Santa Clotilde". Para Josival, o arren-

damento só funciona como uma maquiagem da improdutividade dessa terra.

"Isso não cumpre o papel social. As famílias acampadas são antigos trabalhadores da usina que não tiveram seus direitos trabalhistas garantidos, e hoje sofrem com ameaças e sabotagens da usina. Eles até já perderam safra porque jogaram veneno no córrego que passa por suas lavouras, teve pessoas que se intoxicaram por causa disso", resume Josival.

Hoje deve ser um dia decisivo e com muito barulho. Os sem-terra solicita-

ram uma audiência com o governador Teotonio Vilela à tarde. Segundo Carlos Lima, eles devem seguir direto da Eletrobras para o Palácio República dos Palmares. Parte das reivindicações também vai para o governo federal. "O governo federal ia repassar R\$ 12 milhões para o Estado agilizar as desapropriações, mas houve uma mudança no Ministério do Desenvolvimento Agrário, e a presidente Dilma suspendeu esse tipo de convênio", informa Lima, frisando que os movimentos reivindicam a aplicação dos recursos prometidos para a reforma agrária.

Reunião avalia danos causados por movimentos a centro de pesquisa

DA REDAÇÃO
COM ASSESSORIA

Um dia após o ataque dos sem-terra ao Centro de Ciências Agrárias (Ceca) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o reitor Eurico Lôbo, se reuniu na tarde de ontem para avaliar os danos causados pelos trabalhadores ligados ao MLST, MTL, CPT e MST, que ocuparam a unidade da Ufal, na tarde da última terça-feira.

De acordo com a assessoria de comunicação da Ufal, pelos primeiros levantamentos feitos até agora, a destruição de experimentos que levaram anos de pesquisas é um prejuízo incalculável e não tem como ser recuperado.

Os secretários de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovação, Eduardo Setton, e da Agricultura, Henrique Soares, também par-

ticiparam da reunião. Ainda segundo informação da assessoria de comunicação da Ufal, o secretário Eduardo Setton garantiu que o governo do Estado vai arcar com os prejuízos causados ao Ceca.

"Este momento tem um valor simbólico. Estamos aqui como um ato de solidariedade para com a Universidade e, particularmente, com o Ceca, que é um patrimônio do Estado. Lá há pesquisas estruturantes, principalmente na área de agricultura familiar e da cana de açúcar", disse Setton, durante a reunião.

Também presente, o diretor do Ceca, Paulo Vanderlei, entregou ao reitor Eurico Lôbo um relatório parcial sobre as ações do sem-terra, que, segundo ele, destruíram a estrutura de estufa de produção de plântulas de cana.

Segundo o documento, foram cerca de 30 mil plântulas que seriam utilizadas no Programa de Melhoramento Genético da Cana de Açúcar.

De acordo com o relatório parcial, o jardim clonal de variedades RB (República do Brasil) produzidas pela Ufal ficou completamente destruído.

"Esse jardim é uma exigência do Ministério da Agricultura para manter amostras vivas de todas as cultivares protegidas junto ao órgão produtor. Sem esse jardim, o registro pode ser cancelado", relatou Paulo Vanderlei.

Outro trecho do relatório aponta a destruição da estufa de vidro utilizada para experimentos com diversas culturas.

"Esses experimentos eram conduzidos por alunos de mestrado e doutorado para elaboração de



Reitor da Ufal, Eurico Lôbo, se reuniu ontem com representantes do governo para avaliar prejuízos ao Ceca

trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Agora, tudo está perdido. Nossos pesquisadores vão começar do zero e nossos alunos podem não concluir seus cursos no tempo correspondente às bolsas de Capes e CNPq", reforçou o diretor.

O reitor Eurico Lôbo encaminhou o relatório à as-

señoria jurídica da Ufal, que apresentará quais medidas cabíveis devem ser tomadas.

"É lamentável essa conduta dos movimentos sociais. Estranho a atitude dos trabalhadores sem-terra já que sempre tivemos uma relação colaborativa na área de educação no campo, de agri-

cultura familiar", declarou Eurico Lôbo. Para o reitor, a destruição provocada pelos trabalhadores rurais sem-terra provoca impactos negativos não só na Ufal, mas em todas as instituições que compõem a Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético (Ridesa). ●